



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO ÍNDIO BRASILEIRO: DA CARTA DE CAMINHA À HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DE SANTA CRUZ, DE GÂNDAVO

Maria Ismênia Lima¹; Maria do Carmo Gomes Silva²; Bruno Santos Melo³

*Universidade Estadual da Paraíba – ismenialima302@hotmail.com*¹

*Universidade Estadual da Paraíba – maria_economia.ufcg@hotmail.com*²

*Universidade Estadual da Paraíba – bsantasmelo@hotmail.com*³

Resumo: O Brasil é um país formado pela miscigenação de vários povos e etnias, é o resultado concreto da junção de culturas e influências diversas em nossa formação, desde o “descobrimento” em 1500 até os dias atuais. Entre os muitos personagens envolvidos em nossa História, estão os povos indígenas, que contribuíram de maneira inegável para a nossa formação. Mas, apesar dessa constatação a imagem do índio brasileiro foi sendo estigmatizada por vários escritores, ao longo dos séculos. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo trazer uma abordagem acerca da imagem do índio relatada na *Carta* de Pero Vaz de Caminha e também na *História da Província de Santa Cruz*, de Pêro de Magalhães Gândavo, percebendo que ambos construíram imagens do índio sem levar em consideração a sua identidade. A metodologia utilizada é o estudo comparativo entre estas obras e tendo como embasamento teórico os autores Coutinho (1997), Kothe (1997) e Castello (1960) que discutem a questão do índio e da sua imagem vista no século XVI e que se perpetuou ao longo do tempo.

Palavras-chave: Índio, Identidade, Caminha, Gândavo.

Introdução

O Brasil é um país formado pela influência de vários povos e etnias, é o resultado da união de culturas diversas, durante todo o percurso histórico rumo à construção de uma identidade nacional. Nessa caminhada, não se pode negar que, além de muitos outros povos, tivemos a importante contribuição dos povos indígenas, que, desde o “descobrimento”, já habitavam as terras brasileiras.

Como sabemos, o nosso país foi “descoberto” em uma manhã de 22 de abril de 1500, pelas naus portuguesas sob o comando do capitão-mor Pedro Álvares

Cabral. De início, o objetivo dos navegadores era partir de Portugal com destino às Índias, com o intuito de expandir seus domínios e também de realizar atividades comerciais, pois, nesse período, a Europa estava saindo de um sistema econômico puramente feudal, dando lugar ao exercício do comércio e à realização de muitas evoluções tecnológicas. Com isso, ocorre, de forma acelerada, o desenvolvimento social e, conseqüentemente, o crescimento das cidades europeias.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A partir daí surge a necessidade de se ampliar as relações comerciais com outros povos além da Europa. Nessa época, o contato com o Oriente se intensifica, e é preciso abrir mais rotas para o transporte dos produtos adquiridos – nisso os portugueses se tornaram pioneiros. Visando esse objetivo, a Coroa portuguesa, sob o reinado de Dom Manuel, organizou uma grande comitiva, que partiu da cidade de Lisboa, a 09 de março no ano de 1500, para as Índias, tendo Cabral no comando. Essa era, na verdade, a segunda viagem de portugueses para o Oriente, porque a primeira fora realizada em 1498, pelo comandante Vasco da Gama, e deu muito lucro para os portugueses. Porém, durante o percurso desta segunda viagem, como afirma Caminha (1963), estando próximos à ilha de S. Nicolau, a nau de Vasco de Ataíde se despreendeu da comitiva de Cabral, sem haver nem tempo forte e nem contrário para que isto acontecesse, nisto que o capitão fez algumas diligências para o achar, mas não obtendo êxito, prosseguiu adiante.

Dessa maneira, os portugueses, ao seguirem viagem, acabaram por tomar sentido em direção às terras brasileiras. Ao se aproximarem ficaram bastante surpresos por terem encontrado terras que nunca

antes foram noticiadas.

A partir desse momento, os portugueses entraram na terra *descoberta* e iniciaram sua aproximação com o meio para eles desconhecido e, conseqüentemente, com os habitantes que aqui já havia. É a partir desse ponto que a relação entre os europeus portugueses e os índios começa a ser delineada e posteriormente haverá a construção da imagem indígena segundo o olhar do recém-chegado homem europeu. Este artigo busca verificar como ela (a imagem do índio) foi construída na *Carta* de Pero Vaz de Caminha e também na *História da Província de Santa Cruz*, escrita por Pêro de Magalhães Gândavo, fazendo, dessa maneira, um estudo comparativo entre essas obras. Procuraremos abordar a contribuição dessas obras para a construção da imagem estigmatizada do índio. Teremos, como referenciais teóricos, os autores Coutinho (1997), Kothe (1997) e Castello (1960).

As primeiras impressões da nova terra

A descoberta das novas terras era algo surpreendente para os navegadores portugueses, pois representava o desconhecido, o novo meio, algo que era muito diferente da realidade europeia que eles conheciam. Tanto que pensaram ter



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

encontrado um “mundo novo”, segundo revela Coutinho (1997, p.244):

A descoberta do Brasil, com a projeção da nova entidade na Europa quinhentista, cedo concede ao homem europeu resposta para o mítico sonho de um “mundo novo” e para as correspondentes derivações do grande mito central de uma cultura ansiosa de renovação.

A grande responsabilidade em descrever de forma minuciosa todas as impressões relativas à descoberta da nova terra para o rei D. Manuel fica a cargo de Pêro Vaz de Caminha, o escrivão da frota de Cabral. É dele a missão de tentar buscar no cotidiano europeu referenciais para servir de comparativo com as diferentes coisas encontradas na terra descoberta:

Caminha é já aquele homem europeu que no seu mais profundo íntimo opõe o *cá* ao *lá*, o *aqui* ao *ali*. O difícil navegar solitário do primeiro cronista do Brasil é o desejo de alargar o limitado aqui pelo novo, vasto e ilimitado lá. E quando encontra a nova terra, no mágico dia 22 de abril de 1500, Caminha encontra

igualmente um novo mundo. Diante dessa revelação, ele tenta a difícil composição de tempos diversos. Deve agora superar os limites convencionais dos conceitos da mundividência natal, para a conveniente tradução do mundo novo finalmente descoberto. (COUTINHO, 1997, p. 244)

Em suas descrições sobre a terra, Caminha procura mostrar o quão rica e agradável ela é, ressaltando suas grandes extensões territoriais, a enorme quantidade de árvores e, conseqüentemente, de lenha, a presença numerosa de aves, a infinidade das águas e a graciosidade das terras em que se plantando, tudo se pode colher. Podemos perceber, então, que Caminha delinea a terra tal qual um verdadeiro *paraíso*, haja visto a grande riqueza nela contida. Dessa maneira, seria bastante interessante investir na nova terra. No entanto, as riquezas naturais exaltadas não são, segundo Caminha, o principal a se observar, mas a conversão do povo indígena: “Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar” (CAMINHA, 1963, p. 09).

Assim, podemos perceber que a Carta é, como afirma Castello (1960), o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ponto inicial da exaltação e valorização da terra aos olhares do colonizador europeu, a quem são apontadas suas vantagens e possibilidades de riqueza, ao mesmo tempo em que se pretende colocar em primeiro plano a ideologia portuguesa de propagar a fé cristã.

O índio brasileiro no século XVI

O famoso “descobrimento” do Brasil, em 1500, apesar de ter ocorrido de fato a viagem expedicionária de Cabral, podemos dizer que se trata mais de uma história ficcional, na medida em que não houve descobrimento, pois o Brasil já estava habitado. Os seus moradores eram os muitos povos indígenas que povoavam as várias extensões de terras e que tinham os seus costumes, hábitos e culturas já definidos e organizados. Assim, com a chegada dos portugueses, houve um encontro de realidades completamente distintas, o ideário social europeu com a forma natural e simples do nativo. Em sua carta, Caminha descreve o primeiro contato dos portugueses com os habitantes da nova terra:

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro. [...].

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcs nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcs. E eles os depuseram. (1963, p. 01)

Na carta de Caminha, a imagem dos índios começa a ser definida com um teor de curiosidade, e, ao mesmo tempo, de espanto, pois eram povos completamente diferentes dos que eles conheciam. Além da diferença, esses povos traziam outra maneira de ser, completamente distante da forma europeia – podemos dizer que houve um verdadeiro *choque* de realidades.

Em sua *História da Província de Santa Cruz*, escrita por volta de 1570, Pêro de Magalhães Gândavo também descreve o primeiro avistar do português com a nova gente:

E no lugar que lhes pareceu della mais acomodado, surgirão aquella tarde, onde logo tiverão vista da gente da terra: de cuja semelhança nam ficarão pouco admirados, porque era diferente da de Guiné, e fora do comum parecer de toda outra que tinham visto. (1980, p. 06)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Tanto em Gândavo quanto em Caminha, o olhar português para o índio vai ser de muita curiosidade e expectativa, será um olhar de “fora para dentro”, em que muito ocorrerá comparações entre as duas formas sociais, a europeia e a indígena. No entanto, haverá diferenças no tratamento dado ao índio, entre esses escritores. Castello (1960) ressalta que, com acentuada simpatia, em Caminha, o nativo é retratado como sendo natural, simples, bom, ingênuo e espontâneo, e até mesmo belo e saudável, estando somente aguardando o momento para aceitar os valores da civilização cristã. Dessa maneira, o que prevalecerá será a grande exaltação em busca de ações que possam catequizá-lo. Já em Gândavo, o índio é apresentado através de uma objetividade maior do que em Caminha:

Ao contrário de outras páginas da História da Província de Santa Cruz, as que se referem ao elemento indígena não apresentam preocupação nem de enaltecer nem de desmerecer.

Revestidas de valor etnográfico e folclórico, não podemos afirmar, no que diz respeito à sua valorização propriamente literária, que aí sequer se vislumbre a

simpatia que já notamos nas apresentações anteriores do indígena americano. De qualquer forma, exprimem uma maneira de considerá-lo no decorrer da era colonial em que sobressai muito mais a preocupação informativa do que o enaltecimento ou o desprezo, e em que persiste a afirmação da possibilidade de cristianizá-lo, conforme ideais da colonização e do expansionismo português. (CASTELLO, 1960, p. 36)

Na verdade, a questão da objetividade em Gândavo dá-se por razão de ele ter vivenciado muito mais a realidade dos índios do que Caminha. Este foi somente o narrador do primeiro contato com o indígena, com a terra descoberta e com toda a carga de novidade envolvida. Caminha não conviveu tempo suficiente aqui para conseguir absorver as minúcias e detalhes da vida e comportamento dos povos indígenas com os quais teve contato. Sua estadia não se prolongou mais, porque os portugueses queriam seguir viagem para as Índias, com o objetivo de realizar as planejadas ações comerciais. Assim, os detalhes contados por Caminha não foram vivenciados por ele próprio, como podemos perceber neste trecho da carta: “E



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a que chamam Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver e maneiras”. Dessa forma, as ações e hábitos internos dos índios, foram transmitidos por homens degredados, que, inseridos no meio indígena, tinham a missão de observar o seu modo de viver.

Situação diferente ocorre com Gândavo, pois, segundo historiadores, ele viveu no Brasil provavelmente entre os anos de 1558 e 1572, tendo, assim, convivido bastante tempo entre os povos indígenas, descobrindo seus costumes, hábitos, ações etc. Em sua *História da Província de Santa Cruz*, Gândavo descreve com vivacidade e riqueza de detalhes as muitas minúcias sobre a colônia e sobre os nativos, algo que só é possível quando se tem uma visão *in loco* do ambiente. No período em que ele esteve na colônia, já havia um contexto histórico em formação, pois existia o sistema das capitanias hereditárias, e várias povoações de portugueses estavam firmadas nelas, também já estavam edificadas muitos mosteiros e igrejas dos padres da Companhia de Jesus e as práticas de catequização dos povos indígenas se espalhavam por muitas aldeias.

A partir disso, Gândavo se envolve

co

m o meio e iniciará sua descrição a respeito dos nativos. Para isso, ele querendo ou não, transplantará os valores europeus para o Brasil, pois é a sua visão de mundo, no caso, o olhar da Europa para a nova terra, para o nativo exótico, bárbaro e condenável. No entanto:

Não só o desconhecido é reduzido em Gândavo ao conhecido: também o mundo “conhecido” (isto é, do conhecimento europeu, como único que conta nesse sistema) torna-se aí, sem querer, um mundo estranho, pois passa a sofrer acréscimos, adendos, que o alteram. Como que se perde numa infinitude que ele não mais controla. (KOTHE, 1997, p.266)

Ao analisar os índios de maneira geral, Gândavo vai homogeneizá-los em aspectos como a semelhança, a condição, os costumes e também os ritos. Na verdade, para ele, apesar de os índios estarem divididos em várias tribos e terem diversos nomes, todos são como um só, de tal forma que se houver alguma diferença, é algo com pouca significância. Podemos notar, então, que Gândavo vê o indígena como um povo que não tem características próprias capazes de diferenciar um indivíduo do outro, a particularidade de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

cada um é camuflada e dá-se a impressão de que não existem diferenças entre eles. Nessa perspectiva, começa a descrição dos índios:

Estes Índios sam de côr baça, e cabelo corredio; tem o rosto amassado, e algumas feições dele á maneira de Chins. Pela maior parte sam bem dispostos, rijos e de bôa estatura; gente mui esforçada, e que estima pouco morrer, temeraria na guerra, e de muito pouco consideraçam: sam desagradecidos em gran maneira, e mui deshumanos e cruéis, inclinados a pelear, e vingativos por extremo. Vivem todos mui descansados sem terem outros pensamentos senam de comer, beber, e matar gente [...]. (GÂNDAVO, 1980, p. 25)

Ao descrever os índios, Gândavo ressalta que eles são desagradecidos, desumanos e cruéis, e, por serem voltados para a guerra, são muito vingativos. Nessa visão, o índio é tido como bárbaro e violento, o que difere da visão de Caminha, que considera o índio como um ser dócil, inocente e manso. São pontos bastante contrastantes entre ambos os escritores,

fazendo com que surjam variados olhares:

Hoje, na Europa, cultiva-se a imagem do índio como bonzinho, enquanto que as populações em contato com índios tendem a ver neles seres atrasados e inconfiáveis. Não importa como os índios realmente são, mas como imagina-se ou se quer que eles sejam. (KOTHE, 1997, p. 269)

Infelizmente, no decorrer da História, os povos indígenas foram tendo sua imagem e identificação concebidas como um objeto nas mãos dos colonizadores, que, de acordo com o interesse do momento, faziam uso de deturpadas *verdades absolutas*, para mostrar o índio em sua *naturalidade e essência*. Assim, o índio não foi, em momento algum, revelado como autônomo e comandante de seu próprio percurso, senhor de sua história, ficando sempre a julgo dos olhares e opiniões dos outros. Assim, quando o contato e convivência com o índio se realizava, os europeus sempre faziam comparações com o seu próprio meio social e sua cultura e costumes, o modo de vida do outro (índio) sendo tido como inferior e incompreensível:

[...] medir hábitos e costumes estranhos tomando como referência os nossos significa não compreendê-los,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

diminuí-los; somente por meio de uma comparação não-preconceituosa dos costumes é possível colher, tendo claramente em vista a diversidade de expressão, a comum natureza humana e, assim, formular julgamentos sobre a validade de cada costume particular tendo como base apenas o testemunho da razão. (MONTAGNE apud COUTINHO, 1997, p. 248)

A questão dos costumes indígenas é um ponto muito enfocado, tanto por Caminha quanto por Gândavo, tendo o último ressaltado-a bem mais. O primeiro fator de estranhamento dos portugueses em relação aos nativos foi a nudez, pois os portugueses não tinham, em sua cultura, o hábito de viver com os corpos expostos, sem qualquer tipo de vestimenta: “Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara” (CAMINHA, 1963, p. 02). Além dessa passagem, mais adiante na carta, Caminha descreve as índias nuas:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas

e gentis, com cabelos muito pretos e co

mpridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. (*op. cit.*, p.03)

No primeiro momento em que perceberam a nudez dos índios, os portugueses ficaram espantados, porque era um modo de se portar completamente distinto do europeu. Na verdade, para eles, era algo completamente inadmissível, já que ia contra os princípios da religião cristã. As vergonhas eram algo que simbolizavam o pecado, logo deveriam estar cobertas. Apesar de quê, ao falar das índias, Caminha não se sente incomodado, muito pelo contrário, quem deveria se incomodar seriam elas. Nesse sentido, Kothe (1997, p. 221) afirma:

O tópico da nudez dos índios, e especialmente das índias, já estava presente nos relatos de Colombo, como também nos de Américo Vespúcio. Fazia parte dos momentos necessários a serem referidos pelo autor de uma carta de descoberta. Era, por excelência, o tópico em que se configurava o exótico, aquilo que mais despertava a curiosidade dos homens europeus.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Em Gândavo, a nudez já não é tão exaltada, o que demonstra, pode-se dizer, certa *aceitação* do modo de ser do outro (o índio). Ele relata que os índios são dados à sensualidade, mas que, ao estarem juntos, homens e mulheres têm o devido resguardo, mostrando com isso terem alguma vergonha. Na realidade, quando Gândavo fala sobre os índios, não os chama sempre de homens e mulheres, mas, em muitos momentos, de machos e fêmeas, como se fossem animais. No estado de animais, os nativos eram vistos como seres que não têm *alma*, sendo esta “confundida com o padrão de cultura e tecnologia da metrópole, significava que podiam ser escravizados, sem terem nada a dizer” (KOTHE, 1997, p. 271).

A questão de os índios poderem ser tomados como cativos demonstra que os portugueses não os consideravam povos independentes, mas que precisavam de alguém para comandá-los, essa concepção fica nítida no trecho em que Gândavo fala sobre a “língua dos índios”:

Alguns vocábulos ha
nella de que nam
usam senam as
femeas, e outros que
nam servem senam
pera os machos:
carece de três letras,

convem a saber, nam
se acha nella F, nem
L,

nem R, cousa digna
despanto porque assi
nam têm Fé, nem
Lei, nem Rei, e desta
maneira vivem
desordenadamente
sem terem além disto
conta, nem peso, nem
medido.
(GÂNDAVO, 1980,
p. 25)

Essa concepção já havia sido mencionada anteriormente por Américo Vespúcio, que via os indígenas como um povo que não tinha crença, nem lei e nem rei. Gândavo usa essa mesma concepção na análise da língua falada pelos nativos, em que faltam alguns vocábulos, os quais levavam a crer na não-existência de uma prática de fé entre eles, na falta de uma lei a ser seguida e também de um líder para conduzi-los. Essa visão demonstra o quanto Gândavo desconhecia a sociedade indígena, no próprio momento de travar conhecimento com ela:

[...] a projeção e o bloqueio do sujeito no próprio momento de perceber o objeto: a redução do ignoto ao conhecido, excluindo-se o irreduzível, rejeitando-se o que não se quer conhecer. Embora a falta de fé, de lei e de rei fosse característica, sobretudo do aventureiro ibérico, ela é projetada no índio, apresentando-se como natural a imagem de que o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

branco representa a civilização, enquanto o indígena representa a barbárie. (KOTHE, 1997, p. 253)

Não se leva em consideração que os índios tinham seus líderes, os caciques, que representavam o poder entre eles. Também os ritos indígenas não foram considerados como manifestação de uma crença. Primeiramente, em Caminha, o índio é aquele ser que não tem qualquer religião, estando à espera de se tornar cristão. Ele começa por descrever a passividade e colaboração dos índios, no momento em que se realizou a primeira missa no Brasil. Esse evento ficou marcado como o primeiro indício de que os nativos estavam de acordo em aceitar aquela crença. Assim, esse aspecto é muito exaltado por Caminha em sua carta ao rei. De certa forma, com suas propostas, ele renunciava, de acordo com o que diz Coutinho (1997, p. 246) “a atividade de catequese dos índios pelos jesuítas, a partir de 1549, que marcou um determinado tipo de estruturação cultural para o futuro Brasil”.

Na sua *História*, Gândavo descreve as atividades de catequização praticadas pelos padres da Companhia de Jesus, enfatizando que muitos deles residiam em igrejas edificadas perto das aldeias indígenas para doutrinar e fazer cristãos.

Os

índios aceitavam facilmente e sem contradição, pelo fato de não terem coisa alguma que adorassem, sendo fácil assim, que tomassem a fé cristã. Quando catequizavam, os jesuítas percebiam que os índios mais velhos tinham dificuldades para seguir os mandamentos da religião, então dedicavam-se em ensinar os mais jovens, com o desejo de enraizá-los na fé:

E desta maneira se tem esperança, mediante a divina graça, que pelo tempo adiante se vá edificando a Religião Christã por toda esta Província, e que ainda nella floreça universalmente a nossa Santa Fé Catholica, e mo noutra qualquer parte da Christandade. (GÂNDAVO, 1980, p. 34)

O projeto missionário empregado pelos jesuítas e outras denominações cristãs foi o precursor da tradição e hegemonia da religião católica no Brasil. No entanto, para isso, muitas crenças e ritos indígenas foram desrespeitados e extinguidos, pois não eram tidos como algo que se podia chamar de religião. Um dos rituais que mais chamou a atenção dos portugueses foi a antropofagia, cerimônia realizada por alguns povos indígenas, em que um inimigo era capturado e morto, tendo seu corpo devorado por todos da tribo. Em outra situação, quando algum



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

membro da tribo estivesse em estado avançado de doença, os familiares matavam-no e o comiam, para, dessa forma, tê-lo para sempre em suas entranhas. Essa atitude fazia parte da ética da tribo. Esses rituais eram vistos pelos portugueses como algo abominável, sendo, assim, justificada a destruição desses povos.

Percebemos, então, que, tanto em Caminha quanto em Gândavo, a imagem do índio foi sendo construída a partir do ponto de vista do colonizador europeu, daquele olhar de *fora para dentro*, olhar curioso e, ao mesmo tempo, voltado para a concretização de muitos interesses. Nesse percurso, o índio, que é o verdadeiro dono da terra, foi encarado como um instrumento para a realização dos propósitos da Coroa Portuguesa e da Igreja Católica.

CONCLUSÃO

Ao chegarem ao Brasil, os portugueses encontraram os povos indígenas que já habitavam as muitas extensões desta terra e tinham a sua própria cultura, seus costumes, língua e crença. No entanto, os colonizadores vieram com

muitos interesses em mente e invadiram o espaço dos nativos, tirando sua identidade, diminuindo seus valores, anulando sua cre

nça e impondo outra no lugar, como se fosse a única válida.

Assim, o índio foi sendo delineado em um primeiro momento (*Carta de Caminha*) como dócil e simples, podendo ser facilmente manipulado. Era a imagem de um ser que não apresentava uma identidade própria, estando dessa forma, disponível para receber os valores europeus civilizados. Em um segundo momento (*História da Província de Santa Cruz, de Gândavo*), foi visto como selvagem e violento, não sendo de confiança, foi por muitas vezes, vítima de destruição, sendo esta justificada, pois o que era abominável deveria ser extinto do meio social em formação. A cultura indígena foi inferiorizada e seus valores foram vistos de forma preconceituosa.

Durante muitos séculos, criou-se uma dupla visão sobre o índio, ao mesmo tempo que assume o papel de “bonzinho” ele é também aquele ser “selvagem” e “atrasado”. Hoje, infelizmente, ainda se tem para a figura do índio, um olhar de preconceito e de julgamento, que o inferioriza e que não o reconhece como um importante elemento na formação do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rei D. Manuel*. Dominus: São Paulo, 1963.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(Disponível em:
<http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>.
Acesso em: 27/04/2015).

CASTELLO, José Aderaldo.
Manifestações literárias da Era Colonial
(1500-1808/1836). São Paulo: Cultrix,
1960.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no*
Brasil. São Paulo: Global, 1997.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado*
da Terra do Brasil; História da Província
Santa Cruz, Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

KOTHE, Flávio René. *O Cânone Colonial*
– ensaio. Brasília- DF. UNB, 1997.